



Trajetória das Comunidades que Sustentam Agricultura no Brasil: contribuições para as Redes Agroalimentares Alternativas.

Ivette Tatiana Castilla-Carrascal

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
São Francisco do Conde – Bahia – Brasil*

ORCID: 0000-0002-7114-8585

Resumo

Este artigo analisa a trajetória das Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs) no Brasil, com ênfase no estudo de caso da CSA Coopermonte, localizada na Bahia. A investigação busca compreender como se estruturam as relações entre produção e consumo no interior dessas iniciativas, destacando o papel dos agricultores e coagricultores (como são chamados os consumidores que fazem parte de uma CSA) na construção de experiências agroalimentares alternativas. Para isso, recorre-se a aportes teóricos sobre Redes Agroalimentares Alternativas (AFNs) e à metáfora do solo fértil como lente analítica. A metodologia adotada combina entrevistas em profundidade e observação participante. Os resultados apontam que, embora de pequena escala, as CSAs se multiplicam dinamicamente por meio de processos de formação e redes de apoio. Elas contribuem para a reconfiguração das relações entre campo e cidade, o compartilhamento de riscos, e valorização do trabalho da agricultura familiar agroecológica assim como o fortalecimento da soberania alimentar. Além disso, a educação e a troca de saberes entre os participantes estimulam práticas de consumo mais críticas e conscientes, revelando o potencial das CSAs como espaços de resistência à financeirização dos sistemas agroalimentares.

Palavras-chave: Comunidades que Sustentam a Agricultura. Redes Agroalimentares Alternativas. Sistema Agroalimentar. Soberania Alimentar.

The trajectory of Communities that Support Agriculture in Brazil: contributions to the construction of Alternative Agri-Food Networks.

Abstract

This article analyzes the trajectory of Communities that Support Agriculture (CSAs) in Brazil, with an emphasis on the case study of CSA Coopermonte, located in Bahia. The research seeks to understand how the relations between production and consumption are structured within these initiatives, highlighting the role of farmers and co-farmers (as consumers who are part of a CSA are called) in the construction of alternative agrifood experiences. To this end, theoretical contributions on Alternative Agrifood Networks (AFNs) and the metaphor of fertile soil are used as an analytical lens. The methodology adopted combines in-depth interviews and participant observation. The results indicate that, although small-scale, CSAs multiply dynamically through training processes and support networks. They contribute to

the reconfiguration of relations between the countryside and the city, the sharing of risks, and the valorization of the work of agroecological family farming, as well as the strengthening of food sovereignty. Furthermore, education and the exchange of knowledge among participants encourage more critical and conscious consumption practices, revealing the potential of CSAs as spaces of resistance to the financialization of agrifood systems.

Keywords: Communities that Support Agriculture. Alternative Agri-Food Networks. Agri-Food Systems. Food Sovereignty.

La trayectoria de las comunidades de apoyo a la agricultura en Brasil: contribuciones a la construcción de Redes Agroalimentarias Alternativas.

Resumen

Este artículo analiza la trayectoria de las Comunidades de Apoyo a la Agricultura (CSA) en Brasil, con énfasis en el caso de estudio de la CSA Coopermonte, ubicada en Bahía. La investigación busca comprender cómo se estructuran las relaciones entre producción y consumo dentro de estas iniciativas, destacando el papel de los agricultores y coagricultores (como se denomina a los consumidores que forman parte de una CSA) en la construcción de experiencias agroalimentarias alternativas. Para ello, se utilizan como lente analítico las contribuciones teóricas sobre las Redes Agroalimentarias Alternativas (RAA) y la metáfora del suelo fértil. La metodología adoptada combina entrevistas en profundidad y observación participante. Los resultados indican que, aunque a pequeña escala, las CSA se multiplican dinámicamente a través de procesos de capacitación y redes de apoyo. Contribuyen a la reconfiguración de las relaciones entre el campo y la ciudad, a la compartición de riesgos y a la valorización del trabajo de la agricultura familiar agroecológica, así como al fortalecimiento de la soberanía alimentaria. Además, la educación y el intercambio de conocimientos entre los participantes fomentan prácticas de consumo más críticas y conscientes, revelando el potencial de las CSA como espacios de resistencia a la financiarización de los sistemas agroalimentarios.

Palabras clave: CSA. Redes Agroalimentarias Alternativas. Sistemas Agroalimentarios. Soberanía Alimentaria.

1 Introdução

No modelo tradicional de Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), um agricultor e um grupo de consumidores comprometidos estabelecem uma rede local de abastecimento de alimentos. Nessa lógica, os consumidores se inscrevem para receber produtos regularmente de uma unidade agrícola, mediante o pagamento antecipando de uma quantia acordada, o que contribui para a redução dos riscos do mercado (Diekmann et al, 2019). As CSAs também se caracterizam pela produção de alimentos orgânicos ou agroecológicos, realizada por agricultores familiares por meio de colheitas semanais de hortaliças, legumes ou frutas, sempre locais e da estação, e da distribuição de cestas de alimentos frescos para os consumidores previamente vinculados aos produtores (MAZEMBACKERT E MEIRA, 2020).

As CSAs são um exemplo de Redes Agroalimentares Alternativas (AFNs *Alternatives Food Networks*) que vêm sendo organizadas em difentes partes do mundo desde a década de 1960. Essas iniciativas foram inspiradas pelo movimento

teikei, surgido no Japão. Segundo Nemoto (2021), durante as décadas de 1960 e 1970, diante da crescente preocupação social com a poluição química, agricultoras que questionavam o modelo convencional baseado no uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos, deram início ao movimento da agricultura orgânica. O sistema *teikei* apoiou essa iniciativa por meio da compra direta dos produtos, estabelecendo uma rede de apoio entre agricultores e consumidores. Ainda hoje, o *teikei* é reconhecido como uma forma de assistência mútua que viabiliza a distribuição direta de alimentos orgânicos, seja por agricultores ou por consumidores.

Diante dos impactos gerados pelo modelo agrícola convencional, que inclui o uso indiscriminado de agrotóxicos, concentração fundiária e expansão de monoculturas voltadas para a exportação, as CSA representam uma alternativa baseada em sistemas agroalimentares mais sustentáveis. Essas iniciativas articulam a produção local, orgânica e agroecológica com práticas de consumo solidário e cooperação entre produtores e consumidores. No contexto brasileiro, o amplo uso de agrotóxicos tem se revelado prejudicial à saúde humana e, conseqüentemente, à tendência de adoecimento da população (Gurguel et al., 2019). Conforme destacam Borsatto e Souza-Esquerdo (2019), embora o Brasil seja reconhecido como pioneiro na institucionalização da agroecologia, também figura entre os maiores consumidores de agrotóxicos do mundo, além de ser um dos principais exportadores de produtos agrícolas. A esse cenário soma-se o agravamento da concentração fundiária e do uso intensivo da terra, o que aprofunda os desafios socioambientais no país.

Dados do MapBiomas (2023) indicam que a área agrícola cultivada no Brasil aumentou entre 1985 e 2022, passando de 19,1 milhões para 61 milhões de hectares. Quase toda essa área (96%) corresponde a culturas de grãos e cana-de-açúcar, cuja produção triplicou ao longo de 38 anos. Segundo Arruda et al. (2022), vastas extensões de terra arável são ocupadas por monoculturas de alto rendimento e as práticas intensivas mais comuns são altamente dependentes de água, fertilizantes minerais sintéticos, pesticidas químicos e cada vez mais também dos produtos da engenharia genética. Nos últimos anos, esse modelo de monocultura se intensificou, aumentando o consumo de agrotóxicos no país, o que ocorre em decorrência da crise ambiental, econômica, ética, política e social que afeta o Brasil (GURGUEL et al., 2019).

Nesse cenário, é necessário diferenciar e articular os conceitos de segurança e soberania alimentar, os quais expressam dimensões interdependentes dos sistemas agroalimentares contemporâneos. A soberania alimentar define-se como o direito dos povos a alimentos sanos e culturalmente adequados, produzidos mediante métodos sustentáveis, assim como o direito dessas pessoas a definir seus próprios sistemas agrícolas e alimentares (La Vía Campesina LVC, 2017). Por sua vez, a segurança alimentar diz respeito ao acesso físico, social e econômico a alimentos suficientes, nutritivos e seguros e que atendam às necessidades e preferências alimentares para uma vida ativa e saudável (FAO, 2003). A intensificação do modelo agroexportador baseado em monoculturas e a crescente financeirização das commodities agrícolas comprometem ambas as dimensões, ao subordinar a produção de alimentos às dinâmicas especulativas, em detrimento da sustentabilidade de sistemas agroalimentares.

Após a crise alimentar de 2008 e da pandemia do COVID-19, tornou-se mais evidente o impacto dos investimentos financeiros especulativos na volatilidade dos alimentos. Epstein (2005) define a financeirização como o aumento da importância dos mercados financeiros, das motivações financeiras e das elites financeiras na condução da economia e das instituições políticas, tanto em nível nacional quanto internacional. O ingresso de novos investidores institucionais e a diversificação das formas de aplicação de capital transformaram o perfil dos agentes financeiros, ultrapassando o papel tradicional dos bancos¹.

O aprofundamento desse processo decorre de um conjunto de fatores estruturais que tornaram o setor agroalimentar progressivamente atrativo para o capital financeiro. Lawrence et al. (2015) identificam, entre as principais razões, a redução da disponibilidade de terras agrícolas per capita em função da degradação ambiental, da urbanização e da concentração fundiária; a priorização da produção de biocombustíveis em detrimento da produção de alimentos, legitimada por políticas estatais; o crescimento das classes médias em países como China, Índia e Indonésia, acompanhado de mudanças nos padrões alimentares, com aumento do consumo de carne e, conseqüentemente, da demanda por grãos para ração animal; e, por fim, as novas possibilidades de valorização financeira associadas às mudanças climáticas, como o mercado de créditos de carbono.

Diante dessas dinâmicas, o sistema agroalimentar passou a ser progressivamente subordinado à lógica especulativa do capital financeiro, com implicações relevantes para a segurança alimentar, a sustentabilidade ambiental e a soberania dos territórios. Segundo Clapp e Isakson (2018) a financeirização do sistema agroalimentar aumenta distância entre o produtor e o consumidor (não apenas geográficas) e isso dá cada vez menos poder de agência a ambos. Falta conhecimento de onde e como os alimentos são produzidos e do crescente número de atores nos estágios envolvidos nas cadeias alimentares globais. O resultado dessa distância crescente é um enfraquecimento da influência dos atores nos resultados do sistema alimentar.

Pelas preocupações acima mencionadas, há um apelo por sistemas alimentares mais sustentáveis, que de acordo com Moragues-Faus (2020) e Blay-Palmer et al (2020), devem ser equitativos, saudáveis e descentralizados, com características que tornem os novos sistemas alimentares mais democráticos em todos os níveis. Por mais que a pandemia da COVID-19 tenha exposto o quão frágil e insustentável é o sistema alimentar global, ela também demonstra a resiliência das iniciativas alimentares locais e das cadeias curtas (Mert-Cakal e Miele, 2021). As Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs) são um exemplo disso. O número de consumidores que tem aderido ao esquema de cestas de alimentos por assinatura e às CSAs, têm aumentado exponencialmente (SCHMIDT et al. 2020, URGENCI 2020).

O objetivo deste artigo é analisar a trajetória das CSAs no Brasil, especialmente da CSA Coopermonte na Bahia. Para além da trajetória, é interesse identificar como tem se organizado a produção e consumo dentro da CSA e as

¹ Nesse contexto, empresas transnacionais do agronegócio, como ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus — conhecidas como o grupo ABCD — passaram a operar também como intermediárias financeiras, oferecendo instrumentos derivados e serviços financeiros vinculados às commodities agrícolas (CLAPP, 2012).

contribuições que tanto agricultores, como coagricultores² tem feito nesse processo. Finalmente apontar alguns desafios. Para isso este artigo está dividido em quatro partes para além desta introdução. A fundamentação teórica apresenta algumas contribuições para pensarmos as Redes Agroalimentares Alternativas e as Comunidades que Sustentam a Agricultura. Depois é apresentada a metodologia, como foi feita a coleta e análise de dados, para logo discutir os resultados e finalmente as considerações finais.

2 Redes Agroalimentares Alternativas (AFN) e Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs).

Quando falamos sobre as formas de organização da produção e do consumo, falamos sobre sistemas agroalimentares, e estes têm sido estudados principalmente através de dois entendimentos, alguns mais locais e outros mais globais. Para o estudo mais global, tem sido utilizado o entendimento de regimes alimentares (Friedmann e McMichel (1989); Bernstein e Medina (2012); McMichael (2016); Niederle (2017)) e para sistemas agroalimentares locais abordagens como a perspectiva orientada aos atores (Long, 2001) e sua derivação que foi o conceito de “estilos de agricultura” (Ploeg (1993); Howden, Vanclay (2000); Niederle, Escher, Conterato, (2014). Tanto a abordagem dos regimes alimentares quanto os estilos de agricultura têm recebido críticas de vários autores. A abordagem dos regimes alimentares revela dificuldade em explicar como essas experiências localizadas operam e se expandem apesar das pressões globais (Niederle, Wesz, 2018). E a abordagem orientada ao ator pode ser criticada por excessivo “localismo” (GODMAN, 2004).

Recentemente, há uma tendência dessas duas abordagens dialogarem mais entre si, pois ambas fornecem elementos para analisar fenômenos atuais. Segundo Niederle e Wesz (2018), a partir dos anos 2000, os regimes alimentares passaram a definir grandes fenômenos sociais no campo da agricultura e da alimentação, como a transnacionalização, a financeirização, a apropriação de terras e recursos naturais. E, por outro lado, os estilos de agricultura com abordagem mais local, passaram a destacar a diversidade de experiências, práticas e formas de fazer agricultura. Apesar do aprofundamento dos processos de globalização, financeirização, mercados de commodities alimentares, Wesz Jr. (2016 p. 37), afirma que o espaço local continua sendo um lócus estratégico para a operação de tais atividades econômicas. E que o poder das empresas transnacionais, que parece tão abstrato e intimidador quando visto em escala global, depende da base da formação, manutenção e exploração de relações de proximidade, confiança, reciprocidade com atores locais, por meio de laços familiares e de amizade.

A organização desses sistemas agroalimentares de forma alternativa é feita em Redes Agroalimentares Alternativas (AFNs) que é um termo mais amplo que caracteriza como redes de curta distância entre produtores e consumidores, métodos de cultivo contrastantes com os de larga escala usados no agronegócio,

² No modelo das CSA, os consumidores são identificados como coagricultores pois tem um papel mais ativo, passam a conhecer de onde vêm seus alimentos, como são cultivados e quem os produz, estabelecendo-se, assim, uma conexão entre os produtores e os membros da comunidade (SOUSA et al, 2023).

comprometimento com a sustentabilidade e algum nível de localização de compra de alimentos (Jarosz, 2008; Melo, 2020; Bertolaia et al, 2021; Tonini et al, 2024). Exemplos de AFNs são cestas, mercado de agricultores, grupos de compras solidárias, cooperativas de alimentos e CSAs, entre outros. Na América Latina, outras formas de AFNs surgiram como circuitos curtos de biofeiras, mercados ecológicos e orgânicos, como as feiras de Cuenca e Loja no Equador, Jalisco e Xalapa no México. Outros exemplos são as experiências de cestas agroecológicas como a Agricultura de Responsabilidade Compartilhada no México. Ou a Cesta Utopia no Equador, organizada pelos próprios consumidores, ou Cestas de produtores indígenas da Rede de Economia Solidária e Soberania Alimentar do Povo Kayambi (RESSAK) (CASTILLA-CARRASCAL, 2021).

Alguns autores tem contribuído para a compreensão do papel das Redes Agroalimentares Alternativas e dos circuitos curtos nas economias locais (Sonino e Marsden, 2006; Van der Ploeg, 2008). A literatura identificou alguns pontos comuns entre os diferentes tipos de AFNs, eles são a auto governança, a sustentabilidade, a cooperação, a autoprodução e a inserção (Renting et al, 2003). Outros autores também apontam para elementos comuns entre as AFNs como a interação social entre os diferentes atores dessas redes para conseguir a sua sustentabilidade. Processos de reconexão entre consumidores e produtores acontecem pela proximidade geográfica e para encurtar cadeias de abastecimento de alimentos (De Bernardi et al, 2020; Gori et al, 2023), mas recentemente, também acontece em espaços virtuais da internet como as redes sociais para compensar a lacuna geográfica (Edelman et al, 2020). Nesse sentido, alguns autores situam o surgimento das Redes Agroalimentares Alternativas (AFNs) como expressões de geografias alternativas dos alimentos, que não concebem o local como um espaço fechado, mas sim como um ponto de interconexão no espaço, onde múltiplas relações se encontram e se articulam (BLUMBERG et al., 2020).

Hendersen e Van En (2007) apontam a CSA como uma possibilidade para pequenos produtores enfrentarem os riscos de um mercado cada vez mais competitivo. Há também um compartilhamento de riscos e benefícios entre consumidores e produtores. A CSA representa uma possível alternativa à dieta corporativa e à concentração agrícola porque abrange amplas iniciativas ambientais, econômicas, de saúde e de justiça social na tentativa de proporcionar aos agricultores melhores meios de subsistência e oportunidades. Para van Oers et al (2023) o modelo das CSA precisa de responsabilidade compartilhada, onde os agricultores não sejam os únicos a tomar todos os riscos, e a fraca saúde financeira do organismo agrícola não seja entendida como um fracasso empresarial a nível individual, mas sim como um desafio que necessita de uma resposta comunitária.

Nessa linha, Middendorf e Rommel (2024) definem a CSA como um sistema de compartilhamento de riscos e co-financiamento transparente por quotas de adesão de todo o CSA e de operações em troca de uma parte da alimentação para os membros da CSA. Essa característica definidora é baseada na taxa financiamento, cobertura de custos/financiamento total, compartilhamento de riscos, transparência e relações diretas que podem ser moldadas de diferentes maneiras pelos CSAs.

De acordo com a URGENCI (2020), as CSAs são apresentadas como uma alternativa aos problemas associados à produção e distribuição agrícola intensiva global. Elas têm um modelo de agricultura em que os consumidores concordam em

compartilhar riscos e benefícios com os agricultores. Isso torna as CSAs diferentes porque o modelo atual coloca os agricultores assumindo independentemente os riscos do mercado global que forçou milhões deles a abandonar suas terras. E também são apontados por Mert-Cakal e Miele (2021) como um movimento alimentar alternativo com uma resposta de baixo para cima aos problemas dos sistemas alimentares dominantes.

No Brasil, Matzembacher e Meira (2020) realizaram um estudo de caso de um CSA no estado de Minas Gerais (CSA Alfa) e constataram que o CSA estudado apontou para a coexistência de inúmeros princípios regulatórios em uma combinação de troca de mercado e reciprocidade. Além disso, a CSA se organiza como um contra movimento à mercantilização da agricultura ao aumentar a autonomia relativa dos indivíduos, o que elevou sua coesão social. Para os autores, a CSA não é antagônico ao sistema, mas mantém uma distância crítica do mercado convencional para ativar os princípios do comércio justo. Ao falar sobre contra movimento, os autores usam a concepção de Polanyi (2012a, 2012b) e entendem que o conceito propõe que nenhuma sociedade tenha relações mercantis em sua forma pura sem reagir em alguma medida aos seus efeitos negativos.

A CSA Demetria foi a primeira CSA do Brasil no formato que conhecemos internacionalmente, onde há assinaturas anuais e semestrais, e organismos agrícolas são apoiados. Mas outras experiências de redes agroalimentares alternativas no Brasil existem há décadas no formato de cestas, mercados comunitários, redes de comercialização, entre outros. No caso das CSAs na Bahia, elas começam inspiradas na prática da CSA Demetria e também da economia social e solidária organizada na região. A Coopermonte é uma cooperativa de agricultores localizada em Monte Gordo, município de Camaçari, Bahia. Antes de se tornar o organismo agrícola da CSA Coopermonte, eles comercializavam em feiras no próprio município e na feira que existe desde 2016 na Universidade Federal da Bahia, a UFBA. A participação nessa feira se deu pela parceria com a Rede Moinho, cooperativa de comercialização de produtos de comércio justo e economia solidária.

3 Metodologia

Para responder ao objetivo da pesquisa, foram empregados métodos etnográficos como entrevistas em profundidade e observação participante. Quanto ao referencial teórico, este trabalho fundamenta-se em abordagens da sociologia econômica, sistemas agroalimentares, redes agroalimentares alternativas, circuitos curtos de comercialização, bem como dos debates sobre segurança e soberania alimentar. A construção desse referencial foi realizada a partir da revisão de literatura em bases de dados acadêmicas como Scopus, SciELO e Google Scholar.

As entrevistas qualitativas são particularmente úteis para compreender o sentido que os atores atribuem às suas ações (Della Porta, 2014). Já as entrevistas em profundidade têm como objetivo descrever, compreender, avaliar, analisar e refletir, e as perguntas feitas, são elaboradas para obter informações que sejam factuais, descritivas, ponderadas ou emocionais (Osborne et al, 2021). Na elaboração das guias para as entrevistas se listaram os temas relevantes para orientação da conversa para depois aprimora-las. Os temas guias foram sobre a história da CSA, sua trajetória, seu funcionamento e estrutura, perfil de quem participa, desafios e relação com outros

atores de forma direta ou indireta, por exemplo movimentos sociais (agroecológica, economia solidária, agrofloresta), governo, entre outros.

Se realizaram nove entrevistas em profundidade: CSA Coopermonte (3 coagricultores e 2 agricultores); CSA Nirvana (1 coagricultor); CSA Demetria (1 coagricultor); CSA Brasil (2 membros, que por sua vez são coagricultores do CSA Manaus e CSA Bauru). Há um estudo de caso, na CSA Coopermonte em Salvador, Bahia. Mas para entender a dinâmica entre os principais atores das CSAs no Brasil, entrevistei também alguns atores pioneiros e líderes do movimento dos CSAs entre eles um dos coagricultores dos que iniciaram o processo do CSA no bairro de Demétria em São Paulo. Além deles alguns educadores e participantes do CSA Brasil. Um coagricultor da CSA Alvorada (Manaus) e que faz parte da Urgenci (Rede Internacional de Comunidades que Apoiam a Agricultura). E da CSA Coopermonte entrevistei dois agricultores e três coagricultoras do grupo. Além disso, fiz análise documental do material produzido pelos CSAs e estudos relacionados ao tema no Brasil.

Para a obtenção dos resultados, a principal metodologia utilizada foi a realização das entrevistas em profundidade, complementada por observação participante, tanto no grupo de Whatsapp da CSA Coopermonte quanto no curso de formação de CSAs (de agosto a dezembro de 2021, online). Segundo Flick (2009) na observação participante o observador/a deve criar meios par ser aceito/a no contexto da pesquisa e realizar as ações de acordo com o funcionamento do local que se estuda. Tanto as pessoas da CSA e do curso sabiam previamente do interesse da pesquisa a qual foi apresentada brevemente com seus objetivos e alcances. O curso de formação organizado pelo CSA Brasil, foi um curso gratuito realizado pela plataforma zoom, quinze participantes, e seis encontros. Os principais temas tratados no curso foram aprender sobre o que o CSA chama de “Da cultura do preço para a cultura do apreço”, reconhecer os princípios norteadores de uma CSA, estudar sobre escultura social e por que a CSA é considerado um exemplo disso. Além de questões mais práticas sobre como iniciar uma CSA, os papéis e responsabilidades dentro do coletivo.³

Para ordenar as entrevistas e codificá-las, apoie-me com o software de análise qualitativa, Nvivo. Os códigos foram: histórico e início da CSA, expansão e multiplicação, princípios e filosofia, perfil dos atores, dinâmicas e desafios operacionais, formação e educação, aspectos políticos e sociais e inovações e adaptações locais. Além disso, a estrutura proposta por Sekulova et al (2017), auxiliou a análise dos resultados. Eles usam a metáfora do solo fértil para fornecer uma estrutura útil para descrever ou explicar o processo confuso de emergência e evolução de projetos de base e comunitários. Solo fértil é entendido aqui como uma qualidade particular da textura social, caracterizada por riqueza, diversidade, incógnitas, mas também - por múltiplas tensões e contradições. Essa fertilidade do solo é caracterizada por uma história compartilhada de organização social, protesto

³ Embora não tenha feito parte diretamente da metodologia desta pesquisa, merece destaque a minha participação, entre os dias 25 e 29 de outubro de 2021, no 8º Simpósio Internacional CSA: Descolonize seu prato, amazonize o mundo. Simpósio Internacional online sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura e Parcerias Solidárias Locais em Agroecologia (LSPA).

e ativismo; diversidade; valores de cooperação e confiança; preocupação com justiça e sustentabilidade; presença de contraculturas; agência e autoempoderamento dos atores; redes sociais; regime externo não restritivo; e disponibilidade de espaço(s) físico(s). Esses fatores não precisam estar todos presentes; eles podem, além disso, impor, ou melhor, entrar em conflito uns com os outros (Sekulova et al, 2017, p.3). A metáfora do solo fértil usada pelas autoras ajuda a explicar a emergência, evolução e difusão de iniciativas comunitárias sustentáveis como as CSAs.

4 Resultados e discussão

Para analisar os dados obtidos via entrevistas em profundidade e demais metodologias anteriormente mencionadas, utilizou-se, em um primeiro momento, a estrutura teórica proposta por Sekulova et al (2017). Em um segundo momento, a partir do estudo de caso da CSA Coopermonte, os dados foram sistematizados e analisados com o auxílio do software NVivo, a partir da organização em categorias previamente definidas na metodologia.

A proposta teórica de Sekulova et al (2017) compreende iniciativas comunitárias como expressões de um “solo fértil”, o condições materiais, simbólicas e relacionais que permitem a emergência e multiplicação de práticas de economias alternativas. A CSA Demetria, a primeira do Brasil, constitui um exemplo dessa fertilidade social e política. O primeiro elemento que compõe esse solo fértil diz respeito à história compartilhada de mobilização e ativismo. A CSA surge em 2011, em um território com trajetória de práticas agroecológicas e de agricultura biodinâmica. A Fazenda Demetria é a primeira área de produção biodinâmica do Brasil, desde 1974, que deu origem ao nome do bairro, e proporcionou todo o desenvolvimento de ações e iniciativas antroposóficas⁴, como as Escolas Waldorf e posteriormente o CSA Demetria (FRANCO, et al., 2017).

O espaço físico e institucional também é um fator relevante, experiências como a do bairro Demetria se beneficiam de um ambiente físico favorável, com terras cultiváveis, infraestrutura comunitária e vínculos territoriais consolidados.

O agenciamento dos atores sociais é outro aspecto a destacar nos resultados. A atuação de lideranças como foi o caso de Hermann Pohlmann, artista plástico alemão, que junto com Claudia Vivacqua, iniciaram o projeto da CSA Demetria com trinta famílias e segundo Lencioni et.al, (2018) em 2013 já eram mais de 300 associados envolvendo os municípios de Botucatu, Ourinhos e São Paulo.

A sustentação das CSAs também depende da existência de valores sociais de confiança, cooperação e reciprocidade, que se manifestam no financiamento antecipado da produção de forma prática, na corresponsabilidade entre agricultores e agricultores (e seus desafios) e na gestão compartilha de atividades. Para Polhmann (2012) a CSA é vista como uma escultura social, o agricultor deixa de vender seus produtos por meio de intermediários e conta, para a organização e financiamento de sua produção, com a participação dos membros consumidores, colaborando para o desenvolvimento sustentável da região e incentivando o comércio justo. A metáfora da “escultura social”, inspirada em Joseph Beuys, sintetiza o processo coletivo de

⁴ Segundo Neto et al (2014) a antroposofia é o nome que Rudolf Steiner atribuiu à sua “Ciência Espiritual”, após romper com outros movimentos filosóficos europeus dos quais participou ao longo de sua vida, tais como a Teosofia.

modalidade de um modo de vida em que a alimentação deixa de ser mercadoria e é uma expressão de uma ética do cuidado (ADRIANI E KONERTZ, 1979, p19).

Um outro elemento para a análise é a diversidade de perfis e experiências que caracterizam o movimento CSA no Brasil. As entrevistas revelaram uma multiplicidade de atores sociais como agricultores familiares, assentados da reforma agrária, consumidores engajados, nutricionistas e outros com diversas motivações e graus de envolvimento. Heterogeneidade que permite articular demandas plurais e gerar soluções adaptadas a diferentes contextos territoriais. Hoje são mais de 150 iniciativas de CSA⁵, entre elas já mais consolidadas e outras que estão em fases iniciais. De acordo com os resultados das entrevistas em profundidade, o aumento de CSAs se deve em parte ao processo de capacitação que a Associação Comunitária CSA Brasil vem desenvolvendo.

Há uma diversidade de experiências, desde CSA organizadas por consumidores de classe média alta mais preocupados com a qualidade dos alimentos, até CSA organizadas por assentados do MST - Movimento Sem Terra, CSA nas periferias de São Paulo para acesso a produtos mais baratos, CSAs criadas pelos próprios agricultores, como a CSA Coopermonte na Bahia e CSAs em pequenas propriedades no Distrito Federal, também com o objetivo de fortalecer a agricultura biodinâmica e a educação baseada na Pedagogia Waldorf. Apesar da diversidade de experiências no país, elas têm em comum uma grande participação de nutricionistas. E isso se deve às políticas e programas de segurança alimentar e nutricional e às políticas relacionadas ao tema durante os últimos 10 anos no Brasil.

Em termos políticos as CSAs expressam um compromisso com a justiça social e sustentabilidade ambiental, atuando como formas de resistência ao modelo agroalimentar dominante. O engajamento com temas como agroecologia, campanha contra os agrotóxicos, movimentos como *slow food*, economia solidária e agricultura familiar, fazem parte do perfil dos coagricultores/as das CSAs. Mas não só isso, há também outros perfis de consumidores que não têm engajamento algum, mas que passam a participar e acabam apoiando financeiramente seu CSA e recebendo os produtos.

Há também um discurso e um compromisso com a alimentação como ato político, e uma discussão sobre o que é comida de verdade. Os CSAs também têm pequenos grupos que ajudam a mobilizar todo tipo de atividade entre agricultores e coagricultores. O consumidor deixa de ser consumidor e passa a ser ator direto do processo. Não necessariamente porque ele também planta com o agricultor, mas porque ao dividir os riscos na produção ele é corresponsável por todo o processo. Esse compromisso dos coagricultores de passar um ano financiando a produção dá certa estabilidade e tranquilidade aos agricultores para produzir.

Além disso, as CSAs estão conectadas por redes sociais e circuitos de troca que operam por meio de encontros, oficinas, visitas técnicas, entre outros. Um ator muito importante para essa conexão é a CSA Brasil. A CSA Brasil é uma associação que iniciou seu trabalho em 2011 realizando capacitações sobre CSAs com o propósito de melhorar a situação alimentar e multiplicar experiências por todo o país. As capacitações são realizadas para ensinar desde os princípios básicos, filosofia e

⁵ Ver mapa em:

<https://www.google.com/maps/d/u/o/embed?mid=1LySgImg8tVgKoDBz5NtlnVXgsLo&ll=17.058983733415523%2C-47.46161989999993&z=4>

história do movimento CSA, até questões práticas de como organizar contas, produção, entre outros fatores. Observando as pessoas que participam das capacitações, discute-se a necessidade de criar mais CSAs para encurtar as distâncias entre o campo e a cidade. Muitas pessoas tomam a iniciativa de retornar ao campo para serem agricultores, outras já participam da CSA e enfrentam os desafios de manter as cotas dos coagricultores estáveis. Há também cursistas que levantam uma preocupação com o uso de agrotóxicos e a necessidade de consumir produtos orgânicos ou agroecológicos de produtores de forma mais barata.

Entre os desafios relatados estão a instabilidade das cotas, a gestão voluntária, as dificuldades logísticas e o equilíbrio entre crescimento e fidelidade aos princípios. Essas tensões e dilemas também servem de aprendizados. Finalmente, os princípios dos CSAs no Brasil são: ajuda mútua; diversificação cultural; aceitação de alimentos sazonais; valorização; aprofundamento de amizades; distribuição independente (autodistribuição); organização compartilhada (gestão); aprendizado mútuo entre as pessoas; manter o tamanho adequado da colheita e o consumo local; estabilidade. Esses princípios são centrais para a organização do trabalho dentro dos CSAs, são estudados no curso de CSA e frequentemente discutidos em reuniões. Cada CSA tem sua própria maneira de organizar as atividades, dependendo de sua dinâmica, de seus agricultores e coagricultores. Mas a ideia subjacente é que esses princípios orientam essas ações.

Até aqui se apresentam os resultados e a discussão mais geral sobre a trajetória das CSAs no Brasil e a continuação se apresenta essa mesma discussão de maneira mais específica para o caso da CSA Coopermonte. A Coopermonte é uma cooperativa de agricultores localizada em Monte Gordo, município de Camaçari, Bahia. Antes de se tornar o organismo agrícola da CSA Coopermonte, eles comercializavam em feiras no próprio município e na feira que existe desde 2016 na Universidade Federal da Bahia, a UFBA. A participação nessa feira se deu pela parceria com a Rede Moinho, cooperativa de comercialização de produtos de comércio justo e economia solidária. Apesar da relevância desses espaços, a instabilidade financeira era uma constante, como relatou um agricultor entrevistado:

Às vezes você pega muitos produtos e não faz uma boa venda, ou pega poucos e acaba não tendo produtos para vender. Essa instabilidade criou uma situação desconfortável porque o custo fixo que tínhamos para ir à feira não dava para pagar com as vendas que tínhamos (custo do motorista, combustível, pedágio e manutenção do carro - a distância de Monte Gordo até a UFBA é de aproximadamente 70km). No começo, pegávamos 15% das vendas da cooperativa para cobrir esses custos, depois passou para 20% e mesmo assim não dava (agricultor CSA Coopermonte).

A oportunidade de transição para o modelo CSA surgiu em março de 2018, durante o Fórum Social Mundial em Salvador, quando a CSA Brasil promoveu atividades de formação e sensibilização. Nesse contexto, pessoas que participaram do curso de capacitação demonstraram interesse em iniciar uma nova CSA em Salvador. Assim surgiu CSA Pituba (posteriormente chamada de CSA Coopermonte) com a primeira entrega em julho de 2018. Naquela ocasião, apenas dois coagricultores integravam a iniciativa, embora os agricultores estimassem a necessidade de pelo menos 24 coagricultores para equilibrar a produção.

Durante os anos de 2018 e 2019, o grupo passou por oscilações, com entradas e saídas frequentes. A consolidação do grupo veio alguns meses após o início da pandemia de COVID-19. A partir do segundo semestre de 2020, oficinas com um engenheiro agrônomo foram promovidas para orientar os agricultores em práticas agroecológicas. Foram realizadas nove oficinas presenciais entre julho e dezembro de 2020, revelando um modelo de produção atual insustentável, o que levou à introdução de novas técnicas de cultivo, manejo de solo e diversificação.

Desde 2021, observa-se um fortalecimento das relações entre agricultores e coagricultores, com melhor organização da produção. Atualmente, a CSA Coopermonte conta com cinco pontos de entrega: nas sextas-feiras, os coagricultores mais próximos recebem suas cotas no ponto CSA Acauã; aos sábados há entregas em Lauro de Freitas em três pontos de Salvador: na loja Caminho Natural na loja Viva o Grão na Pituba e um numa delicatessen no bairro Rio Vermelho. A CSA é composta por 32 coagricultores e coagricultoras e doze agricultores. A organização da cota semanal prevê oito itens, incluindo raízes, frutas, hortaliças e produtos beneficiados. Segundo um agricultor entrevistado:

Hoje a cota é de oito itens semanais de raízes, frutas, hortaliças e beneficiados. Mas se entrarem mais coagricultores, seria possível ter até 10 ou 12 itens. E quem sabe organizar cotas para famílias maiores e cotas para famílias menores. Não temos um modelo fechado, aprendemos em cursos de CSA sobre escultura social, onde você é o artista e a obra de arte em si. Então, nosso CSA terá nossa própria cara. Seja do lado dos agricultores ou do lado dos coagricultores. Dependendo das circunstâncias, não é um modelo fechado onde todos têm que seguir essas regras (agricultor CSA Coopermonte).

O perfil dos coagricultores é variado, muitos não tinham vínculos com a agroecologia, agrofloresta, ou alguma ligação com a terra, mas estão em processo de formação. A participação na CSA tem proporcionado acesso a conhecimento sobre temas como as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS). A *orapronobis*, por exemplo, é entregue regularmente, e os coagricultores aprenderam a usá-la em saladas ou cozidos, reconhecendo seu alto valor proteico.

Há também coagricultores com trajetória anterior em outros CSAs e movimentos sociais, que contribuem com saberes e experiências. Tem um grupo mais consciente que entende que o CSA não é um grupo de entrega de alimentos orgânicos, mas que há um relacionamento de longo prazo com as pessoas do campo. Eles começam a aprender mais sobre sazonalidade, problemas com mudanças climáticas e como as plantações são afetadas, aprendem receitas de frutas e vegetais que não eram mais usados, então há toda uma conscientização do papel do coagricultor e da importância de participar desses espaços.

Apesar dos avanços, há desafios importantes. O principal é o transporte, dado o custo e a distância entre Monte Gordo e Salvador. Frente ao desafio do transporte os coagricultores em algumas ocasiões tem se mobilizado para coletar as cotas. Outro desafio é a necessidade de amadurecer um modelo de planejamento financeiro baseado nos custos reais da produção e vida dos agricultores. Como sintetiza uma coagricultora:

A CSA por ser colaborativa, tem o potencial de as pessoas saírem desse lugar de consumo e fazerem isso de forma crítica. Buscar entender o que é que você está consumindo, saber não só quem produz, mas resgatar receitas de alimentos que não são mais utilizados, histórias com o lugar e a cultura. Mas isso depende das pessoas realmente saírem desse lugar de passividade. Isso representa um grande desafio (coagricultora CSA Coopermonte).

A CSA Coopermonte também realiza a redistribuição de cotas sociais, financiadas por coagricultores, para uma casa de repouso, promovendo acesso a alimentos saudáveis em uma perspectiva de justiça social. Desde 2021, aumentaram as interações entre os membros, com participação em reuniões da CSA, trocas de produtos e receitas, iniciativas de formação que reforçam o compromisso com a soberania alimentar, mutirões, oficinas de agrofloresta, reuniões de planejamento das ações, entre outros.

Com base na análise dos dados coletados em campo, apresenta-se a seguir, um quadro síntese com os principais achados sobre os eixos analíticos da CSA Coopermonte, organizados nas categorias previamente definidas: histórico e início da CSA, expansão e multiplicação, princípios e filosofia, perfil dos atores, dinâmicas e desafios operacionais, formação e educação, aspectos políticos e sociais e inovações e adaptações locais:

Tabela 1. Eixos analíticos da CSA Coopermonte.

Categoria	Principais achados
Histórico e início da CSA Coopermonte	Iniciativa surgiu em 2018 após atividades da CSA Brasil no Fórum Social Mundial em Salvador. A Coopermonte comercializava em feiras antes de adotar o modelo CSA.
Expansão	Crescimento gradual: começou com dois coagricultores e hoje conta com 32. Entregas ocorrem em cinco pontos (Monte Gordo, Lauro de Freitas e Salvador).
Princípios e filosofia	Prática baseada na colaboração, transparência e co-responsabilidade.
Perfil dos atores	Agricultores da Coopermonte e coagricultores diversos: alguns com vínculos anteriores com agroecologia, outros em processo de formação. O grupo é heterogêneo, mas com crescente conscientização sobre o papel ativo dos coagricultores.
Dinâmicas e desafios operacionais	Principal desafio é o transporte (custo e distância de aprox. 70 km até Salvador). Há também dificuldades em estruturar planejamento financeiro com base nos custos reais da produção. Organização das cotas segue modelo flexível.
Formação e educação	Oficinas dos produtores com engenheiro agrônomo, formação em agroecologia. Coagricultores aprendem sobre PANCS, sazonalidade, receitas tradicionais e produção.

Aspectos políticos e sociais	Redistribuição de cotas financiadas por coagricultores para uma casa de repouso; fortalece vínculos entre campo e cidade o que favorece processos de conscientização política e alimentar.
Inovações e adaptações locais	Flexibilidade no modelo de cotas; mobilização dos coagricultores para apoiar na logística; participação ativa em reuniões e trocas. Adaptação constante à realidade local.

Fonte: Elaboração própria.

Com base nos resultados apresentados, é possível afirmar que a experiência da CSA Coopermonte representa uma prática concreta de reconfiguração das relações entre produção e consumo. A sua trajetória de consolidação revela desafios estruturais enfrentados pelos agricultores familiares, como a logística e sustentabilidade econômica por um lado, e pelo outro, a potência que formativa e transformadora do modelo CSA, especialmente na construção de vínculos entre o campo e a cidade. Para além da comercialização de alimentos, trata-se de um processo educativo e político que implica o envolvimento de agricultores e coagricultores e dos projeto comum ligado a fortalecer a soberania alimentaria, a agroecologia e em geral, as economias locais.

4 Conclusões

A metáfora do “solo fértil” proposta por Sekulova et al. (2017) mostrou-se adequada para compreender a emergência, consolidação e diversidade das CSAs. Experiências como a da CSA Demetria, enraizada em contextos socioculturais com longa tradição em práticas de agricultura biodinâmica, educação alternativa e organização comunitária, evidenciam como determinadas condições históricas e simbólicas favorecem a constituição dessas iniciativas. No entanto, a análise do caso da CSA Coopermonte revela que outros contextos também podem dar origem a CSAs, a partir de cooperação, construção de redes de confiança e na agência de atores locais.

A experiência da CSA Coopermonte não tem a mesma história do Demetria e as mesmas características para esse solo fértil, mas aparecem valores como cooperação e confiança, assim como o networking social feito por agricultores e coagricultores e a agência e autoempoderamento dos atores. Características diferentes para diferentes experiências de CSA. Relações de reciprocidade e participação em instâncias que antes eram somente de tarefa dos agricultores dão o sentido de um projeto comum, não sem enfrentar desafios quanto a responsabilidades, convivência, crítica ao consumo, etc.

Ainda que de pequena escala, as CSAs têm se multiplicado graças aos esforços de formação, articulação em rede e partilha de saberes, como demonstra o papel estratégico da CSA Brasil. Essas iniciativas atuam como respostas concretas aos efeitos da financeirização da agricultura e da alimentação. Reduz riscos para agricultores e coagricultores. Os coagricultores agora têm mais informações sobre de onde vêm seus alimentos, evitam alimentos com agrotóxicos, podem participar de processos aos quais não tinham acesso antes, conscientização sobre o acesso à

terra, e o papel da educação auxilia na necessidade de repensar práticas e hábitos de consumo. Também reduz os riscos para os agricultores, pois podem ter mais estabilidade e se dedicar a trabalhar com a terra de forma mais direta e vender seus produtos sem intermediários.

As diversas CSAs espalhadas pelo Brasil têm promovido esforços concretos para fortalecer um consumo mais crítico, consciente e engajado, buscando ir além da reprodução de um modelo. Trata-se de desenvolver formas próprias de organização da produção e do consumo, adaptadas aos contextos locais e capazes de responder aos desafios específicos enfrentados por cada iniciativa. .

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. L. de; ANTUNES, L. F. de S.; SILVA, C. G. da; VAZ, A. F. de S. The historical context of agriculture in Brazil and the awakening of agroecological movements aiming at more sustainable agricultural systems. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 13, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i13.35026. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35026>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BERTOLAIA, D.; QUEDA, O.; RIBEIRO, M. L. Comunidades Que Sustentam a Agricultura (Csas): Materializando o Associativismo Sustentável e a Economia Solidária?!. **Desenvolvimento em Questão**, v. 19, n. 57, p. 246–262, 29 dez. 2021.

BLAY-PALMER A.; CAREY, R.; VALETTE, E. Post-COVID 19 and food pathways to sustainable transformation. **Agriculture and Human Values** 37, 517–519. (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10460-020-10051-7>.

BLUMBERG, R., LEITNER, H. & CADIEUX, K. V. For food space: theorizing alternative food networks beyond alterity. **Journal of Political Ecology** 27(1), 1-22. (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.2458/v27i1.23026>

BORSATTO, R.; SOUZA-ESQUERDO, V. MST's experience in leveraging agroecology in rural settlements: lessons, achievements, and challenges, **Agroecology and Sustainable Food Systems**, 43:7-8, 915-935. (2019). Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21683565.2019.1615024>.

CASTILLA-CARRASCAL, I. Intercultural economic solidarity circuits: The case of Utopia Basket and participative consumer profile in Ecuador's outskirts. **Journal of Rural Studies**, 85, 91-97. (2021). Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.03.002>.

CARNEIRO, F. (Organizador). **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigotto, Karen Friedrich e André Campos Búrigo - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CLAPP, J. *The Financialization of Food: Who is Being Fed?* (2012). San Diego: [S.n.].

CLAPP, J.; ISAKSON, S. Risky Returns: The Implications of Financialization in the Food System. **Development and Change**, 49(2), 437-460. (2018). Disponível em: <https://doi.org/10.1111/dech.12376>

DE BERNARDI, P.; BERTELLO, A.; VENUTTI, F.; FOSCOLO, E. How to avoid the tragedy of alternative food networks (AFNs)? The impact of social capital and transparency on AFN performance. **British Food Journal** | Emerald Insight 1-16. (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.1108/BFJ-07-2019-0537>

DELLA PORTA, D. 10 In-Depth Interviews. **Methodological practices in social movement research**, 2014, p. 228.

DIEKMANN, M.; THEUVSEN, L. Value structures determining community supported agriculture: insights from Germany. *Agriculture and Human Values*, [s.l.], v. 36, n. 4, p. 733-746, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10460-019-09950-1>

EDELMANN, H.; QUIÑONES-RUIZ, X.F; PENKER, M. Analytic Framework to Determine Proximity in Relationship Coffee Models. **Sociologia Ruralis**. 2020, 60, 458–481. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/soru.12278><https://doi.org/10.1111/soru.12278>

EPSTEIN, G. A. **Financialization and the world economy**. (2005). Edward Elgar Pub.

FAO. Trade reforms and food security: conceptualizing the linkages. Rome: **Commodity Policy and Projections Service**, Commodities and Trade Division. 2003.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 164 p.

FRANCO, F.; SANINE, P.; CARVALHO, S.; JOVCHLEVICH, P.; LAZZARIN, A. A agroecologia no currículo do ensino médio: a experiência da Aitiara Escola do Campo, e seu entorno educativo no Bairro Demétria em Botucatu, SP. **Cadernos de Agroecologia** - ISSN 2236-7934 – Anais do II SNEA – Vol. 12, Nº 1. 2017. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/revista/cad/article/view/22416>. Acesso em: 4 set. 2023.

GORI, F.; CASTELLINI, A. Alternative Food Networks and Short Food Supply Chains: A Systematic Literature Review Based on a Case Study Approach. **Sustainability** 2023, 15, 8140. <https://doi.org/10.3390/su15108140>

GURGUEL, A.; DOS SANTOS, M.; GURGUEL, I. (org). **Saúde do campo e agrotóxicos: vulnerabilidades socioambientais, político-institucionais e teórico-metodológicas**. Recife: Ed. UFPE. 2019.

HENDERSEN, E.; VAN EN, R. **Sharing the harvest: A citizen's guide to Community Supported Agriculture**. White River Junction: Chelsea Green Publishing. 2007.

JAROSZ, L. The city in the country: growing alternative food networks in Metropolitan areas. **J. Rural Stud.** 24, 231–244. 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0743016707000654>. Acesso em: 25 jul 2023.

LA VÍA CAMPESINA LVC. VII Conferencia Internacional de La Vía Campesina: Declaración de Euskal Herria, (2017). Disponível em: <https://viacampesina.org/es/vii-conferencia-internacional-la-via-campesina-declaracion-euskal-herria/>. Acesso em: 15 de maio, 2025.

LAWRENCE, G; SIPPEL, S; BURCH, D. The financialization of food and farming. In book: **Handbook on the Globalization of Agriculture** (pp.309–327). Editors: Guy M. Robinson, Doris A. Carson. Publisher: Edward Elgar.

LENCIONI, P; FRANCO, F; ALVARES, S. A Economia associativa na agricultura de base ecológica: um estudo de caso do CSA Demétria, Botucatu, SP, (p.193-199). Em: **Plantando sonhos: experiências em agroecologia no estado de São Paulo**. (2018). Organizadores: Lin Chau Ming et.al, Feira de Santana: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Disponível em: <https://ceca.ufal.br/professor/jhq/Livro%20%20Plantando%20Sonhos.pdf><https://ceca.ufal.br/professor/jhq/Livro%20%20Plantando%20Sonhos.pdf>. Acesso em 05 janeiro 2024.

MIDDENDORF, M; ROMMEL, M. Understanding the diversity of Community Supported Agriculture: a transdisciplinary framework with empirical evidence from Germany, **Frontiers in Sustainable Food Systems**, 10.3389/fsufs.2024.1205809, **8**, 2024.

MATZEMBACHER, D; MEIRA, F. Mercantilização & contramovimento: Agricultura sustentada pela comunidade (CSA): estudo de caso em Minas Gerais, Brasil. **Organizações & Sociedade**, 27(94), 396-430. (2020). <https://doi.org/10.1590/1984-9270942>

MELO, A. M.; FREITAS, A. F. DE; CALBINO, D. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. **COLÓQUIO - Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 2, p. 82–99, 2 abr. 2020.

MERT-CAKAL, T; MIELE, M Workable utopias' for social change through inclusion and empowerment? Community-supported agriculture (CSA) in Wales as social innovation. **Agriculture and Human Values**, 37(4), 1241-1260. (2020). <https://doi.org/10.1007/s10460-020-10141-6>

MORAGUES-FAUS, A. Distributive food systems to build just and liveable futures. **Agriculture and Human Values** 37, 583–584 (2020). <https://doi.org/10.1007/s10460-020-10087-9>

MAPBIOMAS (2023). “Projeto MapBiomias – Mapeamento anual de cobertura e uso da terra no Brasil entre 1985 a 2022 – Destaque da Agropecuária no Brasil. Coleção 8, acessado em 23 de maio, através do link: https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2023/10/FACT_MapBiomias_Agropecuaria_04.10_v2-1.pdf

NEMOTO S. Socio-economic Thought of the Teikei Movement and the Early Organic Agriculture in Japan: Overcoming ‘Natural and Human Alienation’. Boletim do Instituto de Ciências Econômicas nº 51 (經濟科学研究所 紀要 第 51 号), (2021). Disponível em: <https://www.eco.nihonu.ac.jp/research/economic/publication/journal/pdf/51/5111.pdf> <https://www.eco.nihonu.ac.jp/research/economic/publication/journal/pdf/51/51-11.pdf>. Acesso: 28 abril, 2024.

NETO, D; TORUNSKY, F. Agricultura apoiada pela comunidade e a “economia viva” de Rudolf Steiner. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, (2014).

NIEDERLE, P. A.; WESZ JUNIOR, V. **As novas ordens alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

RENTING, H; MARSDEN, TK; BANKS. Understanding Alternative Food Networks: Exploring the Role of Short Food Supply Chains in Rural Development. **Environment and Planning A: Economy and Space**, 35(3), 393-411. (2003). Disponível em: <https://doi.org/10.1068/a3510>

SCHMIDT, C.; GOETZ, S.; ROCKER, S.; TIAN, Z. Google Searches Reveal Changing Consumer Food Sourcing in the COVID-19 Pandemic. **Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development**, Ithaca, NY, USA, v. 9, n. 3, p. 9–16, 2020. DOI: 10.5304/jafscd.2020.093.032. Disponível em: <https://www.foodsystemsjournal.org/index.php/fsj/article/view/827>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SEKULOVA, F; ANGUELOVSKI, I; ARGUELLES, L; CONILL, J. A ‘fertile soil’ for sustainability-related community initiatives: A new analytical framework. **Environment and Planning A: Economy and Space**, 49(10), 2362-2382. (2017). Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0308518X17722167>

SOUSA, E; JUNQUEIRA, A.M; PANTOJA, M.J; SOUSA. R. Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA): percepção de agricultores e coagricultores. *Interações (Campo Grande)*, 2023, vol. 24, no 2, p. 445-460.

OSBORNE, N., GRANT-SMITH, D. In-Depth Interviewing. In: Baum, S. (eds) **Methods in Urban Analysis**. Cities Research Series. 2021. Springer, Singapore. https://doi.org/10.1007/978-981-16-1677-8_7

POLANYI, K. (2012a). **A grande transformação: As origens da nossa época** (2a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Elsevier.

POLANYI, K. (2012b). **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto .

TONINI, A.; ALVES DOS SANTOS, G. M. Comunidade que sustenta a agricultura: um outro olhar para a agricultura. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 19, n. 1, p. 1–6, 2024.

VAN DER PLOEG, J. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 372 p.

VAN OERS, L. et al. Unlearning in sustainability transitions: Insight from two Dutch community-supported agriculture farms. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 46, p. 100693, 1 mar. 2023.

WESZ, JR VJ. Strategies and hybrid dynamics of soy transnational companies in the Southern Cone. **The Journal of Peasant Studies**, 43(2), 286-312. (2016).
<https://doi.org/10.1080/03066150.2015.1129496>

Ivette Tatiana Castilla Carrascal. Doutora em Ciências Sociais. Professora Adjunta Instituto de Humanidades e Letras – Curso Relações Internacionais. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB, Campus dos Malês. Email: Ivette.carrascal@unilab.edu.br

Submetido em: 31/10/2024

Aprovado em: 04/06/2025

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Conceituação (Conceptualization): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Curadoria de Dados (Data curation): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Análise Formal (Formal analysis): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Obtenção de Financiamento (Funding acquisition)

Investigação/Pesquisa (Investigation): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Metodologia (Methodology): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Administração do Projeto (Project administration): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Recursos (Resources): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Software: Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Supervisão/orientação (Supervision)

Validação (Validation): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Visualização (Visualization): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Escrita – Primeira Redação (Writing – original draft): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Escrita – Revisão e Edição (Writing – review & editing): Ivette Tatiana Castilla Carrascal

Fontes de financiamento: Não se aplica.